

# CADMO

---

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

30



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA  
2021



**CADMO**

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



**CADMO**  
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

**30**

**Editor Principal | Editor-in-chief**  
Nuno Simões Rodrigues



Centro de História da Universidade de Lisboa

2021



**CADMO**  
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

**Editor Principal | Editor-in-chief**  
Nuno Simões Rodrigues

**Editores Adjuntos | Co-editors**

Agnês García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa).

**Assistentes de Edição | Editorial Assistants**

Bruno dos Santos, Catarina Pinto Fernandes, Joana Pinto Salvador Costa, Maria de Fátima Rosa, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

**Revisão Editorial | Copy-Editing**

Bruno dos Santos, Joana Pinto Salvador Costa, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

**Redacção | Redactional Committee**

Abraham I. Fernández Pichel (Universidade de Lisboa), Agnês García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elsa de Sousa (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Alberta), Loïc Borgies (Université Libre de Bruxelles), Maria Ana Valdez (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra) Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério de Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svärd (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Roehampton), Suzana Schwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa).

**Comissão Científica | Editorial and Scientific Board**

Antonio Laprieno (Jacobs University Bremen), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico).

**Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue**

Agnês García-Ventura (Universitat de Barcelona), Armando Bramanti (CCHS-CSIC), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Catarina Viegas (Universidade de Lisboa), Dávid Bartus (Eötvös Loránd University), David Hernandez de la Fuente (Universidad Complutense de Madrid), Delfim Ferreira Leão (Universidade de Coimbra), Giuseppe Minunno (Università di Genova / Università di Firenze), Gustavo Alberto Vivas García (Universidad de La Laguna), José Luís Brandão (Universidade de Coimbra), Jean-Pierre Levet (Université de Limoges), Juan Luis Montero Fenollós (Universidad de Coruña), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Mireia López-Bertran (Universitat de València), Pedro Albuquerque (Universidade de Lisboa), Ricardo Duarte (Universidade de Lisboa), Roberto Nardi (Centro di Conservazione Archeologica).

**Editora | Publisher**

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2021

**Concepção Gráfica | Graphic Design**

Bruno Fernandes

**Periodicidade:** Anual

**ISSN:** 0871-9527

**eISSN:** 2183-7937

**Depósito Legal:** 54539/92

**Tiragem:** 150 exemplares

**P.V.P.:** €15.00

**Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History**

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon  
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL  
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extensão: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63  
cadmo.journal@letras.ulisboa.pt | www.centrodehistoria-flul.com/cadmo



UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



This work is funded by national funds through FCT – Foundation for Science and Technology under project UIDB/04311/2020 e UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

# SUMÁRIO

## TABLE OF CONTENTS

### 09 AUTORES CONVIDADOS

#### GUEST ESSAYS

- 11 UN RILIEVO DALLA TOMBA MENFITA DI PTAHMES E LE TRATTATIVE FALLITE  
PER LA VENDITA A LEOPOLDO II DELLA TERZA COLLEZIONE NIZZOLI

*A RELIEF FROM THE MEMPHITE TOMB OF PTAHMES AND THE FAILED  
NEGOTIATIONS FOR THE SALE OF THE THIRD NIZZOLI COLLECTION TO LEOPOLD II*

Daniela Picchi

- 39 OS EPIGRAMAS FÚNEBRES DE GREGÓRIO DE NAZIANZA  
Da Klea Andron à Arete Cristã

*THE FUNERAL EPIGRAMS OF GREGORY OF NAZIANZUS  
From Klea Andron to Christian Arete*

Rita Codá

### 51 ESTUDOS

#### ARTICLES

- 53 O ESCORPIÃO COMO ANTIGA MANIFESTAÇÃO DIVINA  
NA MESOPOTÂMIA:  
A sua presença na glíptica do Diyala (c. 3150-2340 a.C.)

*THE SCORPION AS AN ANCIENT DIVINE MANIFESTATION IN MESOPOTAMIA:  
Its presence in the Diyala glyptic (c. 3150-2340 a.C.)*

Vera Gonçalves e Isabel Gomes de Almeida

- 81 OS CITAS NAS HISTÓRIAS DE HERÓDOTO:  
Identidade e nomoi

*THE SCYTHIAN IN HERODOTUS STORIES:  
Identity and nomoi*

Rui Tavares de Faria

- 105 LA INCORPORACIÓN DEL ELEFANTE DE GUERRA EN CARTAGO  
*THE INCORPORATION OF THE WAR ELEPHANT IN CARTHAGE*

José Luis Alejo Martínez

- 123 STOICISM IN POWER:  
Nero and his reflective enigmas  
*ESTOICISMO NO PODER:*  
*Nero e os seus enigmas reflexivos*  
Carlotta Montagna
- 141 L'HYMNE ORPHIQUE À APOLLŌN  
ET LA DATATION DES HYMNES ORPHIQUES:  
Considérations archéoastronomiques et comparaisons égyptologiques  
*THE ORPHIC HYMN TO APOLLO AND THE DATING OF THE ORPHIC HYMNS:*  
*Archaeoastronomical considerations and egyptological comparisons*  
Alicia Maravelia
- 191 CONTRIBUTION À LA CONNAISSANCE DE LA VILLE DE THALA NUMIDE:  
Contexte géo-historique  
*CONTRIBUTION TO THE KNOWLEDGE OF THE NUMIDIAN CITY OF THALA:*  
*Geo-historical context*  
Ouiza Ait Amara

## **217 NOTAS E COMENTÁRIOS**

*COMMENTS AND ESSAYS*

## **221 RECENSÕES**

*REVIEWS*

## **283 IN MEMORIAM**

## **289 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO**

*JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES*



**RECENSÕES**  
REVIEWS

A terceira parte, intitulada «The Promotion of the Veronica Cult» (pp. 157-229), reúne os estudos de G. Drossbach, K. M. Rudy, E. Doublier, M. Sureda i Jubany e C. di Fruscia. Nesta parte, concretizam-se aspectos da promoção e da prática do culto da santa na Europa medieval, Espanha incluída através do caso do reino de Aragão (Sureda i Jubany), nos quais cabe inclusive o comportamento quase *fetichista* de Filipe-o-Bom relativamente à Verónica.

Por fim, H. van Asperen, M. Petoletti & A. Piacentini, S. Candiani, R. Savigni e R. Zardoni & E. Bossi & A. Murphy são os autores da quarta parte, «The Spread of the Veronica Cult» (pp. 231-301). Nestes capítulos, que encerram o livro, encontramos estudos sobre a difusão do culto à santa pela Europa, incluindo os aspectos iconográficos, que, não tendo sido ignorados pelos estudos anteriores, conhecem aqui um desenvolvimento mais aprofundado. A este propósito, devemos referir também a grande qualidade gráfica do volume, para a qual contribui em muito o número de reproduções e obras de arte representativas da figura e do culto medieval da Verónica e do Mandílo com ela relacionado. O último capítulo, em particular, trata da presença do culto e da iconografia da santa em território europeu, lidando com a informação incluída no sítio cibernáutico [www.veronicaroute.com](http://www.veronicaroute.com), não deixando de por nós ser notada a ausência total de informação relativamente ao território português. Há, portanto, trabalho ainda a fazer.

Não obstante este último factor, o da ausência de informação relativamente a Portugal, o livro em recensão é de uma qualidade superior e essencial para os que se dedicam à Cultura Medieval, mas também aos que estudam a recepção da Antiguidade e às origens do cristianismo.

**Nuno Simões Rodrigues**

*CH e CEC, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa  
CECH- Universidade de Coimbra*

**JONATHAN BATE** (2019), *How the Classics Made Shakespeare*, Princeton/Oxford, Princeton University Press, 384 pp. ISBN: 978-06-91-16160-0 (€ 18.47).

Num tempo em que as academias americana e britânica se encontram mergulhadas em guerras culturais lideradas pelo movimento *woke*, Jonathan Bate apresenta ao público leitor, leigo e especializado, uma obra, magistralmente fundamentada e construída, dedicada a William Shakespeare, figura maior das letras inglesas e, em simultâneo às raízes culturais, políticas e religiosas da Europa. *How the Classics Made Shakespeare* tem a sua génese nas *E. H. Gombrich Lectures in the Classical Tradition*, realizadas pelo A. no Outono de 2013, no Warburg Institute da Universidade de Londres, sob o título *Ancient Strength: Shakespeare and the Classical Tradition*, e em várias outras conferências proferidas ao longo dos anos em diferentes ocasiões. Em simultâneo, o A. desenvolvia temas já anteriormente abordados noutras publicações para combinar o estudo das fontes clássicas e a recepção do património cultural greco-romano na obra de William Shakespeare. As incertezas que rodeiam a vida e a obra do mais famoso filho de Stratford-Upon-Avon são uma constante ao longo do texto mas em nada desencorajam o A. que tem o cuidado de apresentar todas as hipóteses que os séculos se encarregaram de formular sobre Shakespeare. A par de citações de autores clássicos, abundam

os paralelos com autores contemporâneos do poeta inglês e com as temáticas por eles tratadas. A inclusão de versos e citações destes mesmos autores – a grande maioria dos quais por certo desconhecida de muitos leitores – no texto principal enriquece a leitura, ainda que a escolha de remeter as notas de rodapé para as páginas finais (pp. 285-345) seja um aspecto menos positivo na organização da obra.

Com capítulo inicial, “The Intelligence of Antiquity” (pp. 1-20), Bate aborda o tipo de pensador que foi Shakespeare, autor que não nos legou nenhum tratado filosófico ou um diário. De facto, os sonetos são a única obra escrita na sua voz pessoal e é precisamente por aqui que a digressão se inicia. Se através do estudo da sua escrita podemos aferir que gostava de palavras, de jogos de palavras e pensava através do diálogo e do debate, enquanto se deixava fascinar com as variedades que encontrava no carácter humano, permanece a incógnita se Shakespeare foi católico, puritano ou anglicano, uma distinção importante à época. Leitor de Plutarco, Ovídio, Cícero, Vergílio, Horácio ou Séneca, influências que são desenvolvidas nos capítulos seguintes, pelo pensamento, o poeta aproxima-se mais dos clássicos do que da doutrina cristã, apesar de ambos os temas se cruzarem nas suas peças, em que, como não poderia deixar de ser, também ecoam as tensões religiosas que abalavam a Inglaterra de Isabel I. Das quarenta obras “shakespeareanas”, treze são passadas na Antiguidade e nelas encontramos o erotismo, a poesia, a tragédia, a comédia, a história, a sátira e o romance que se estendem da Guerra de Tróia à Atenas clássica, das origens de Roma ao assassinio de Júlio César e ao Império Tardio.

“O’er-Picturing Venus” (pp. 21-35), o capítulo seguinte, continua a análise dos sonetos, com especial atenção prestada aos dedicados a Vénus. Shakespeare, sem surpresa, compôs o mais famoso soneto do seu tempo, intitulado *Venus and Adonis*. Além de recolher as influências das *Metamorfoses* de Ovídio e o seu erotismo e, da tradução de Plutarco da autoria de North, o A. acrescenta à discussão o papel da arte, visto que à época Vénus era um tema popular também na pintura e na escultura, especialmente a visão da deusa surgindo do mar, a Vénus *Anadyomene*, já referida por Plínio (35.36), e pintada por Apeles. O A. nota o talento do poeta na criação de imagens visuais através da poesia na imaginação do leitor/espectador e das ligações que a pintura, poesia e erotismo se permitem.

O terceiro capítulo, “Resemblance by Example” (pp. 36-47), concentra-se na escolaridade que foi ministrada ao Bardo, aluno de uma *Grammar School*, em que inicialmente se ministrava o ensino do Latim e cujos *curricula* se alargaram, com o tempo, ao Grego antigo, Inglês, Ciências Naturais, Matemática, História e Geografia, mas que permaneceu imersa na cultura greco-romana e, em especial, mantendo a importância do ensino da retórica. O A. revisita a divisão da retórica em três classes e a respectiva influência e uso por Shakespeare, cujas personagens se comparam a elas próprias e a outras com figuras da mitologia e história clássicas, de modo a construírem modelos positivos e negativos.

Segue-se “*Republica Anglorum*” (pp. 43-63), capítulo com um carácter mais histórico-político e que concentra a sua atenção na construção de uma identidade nacional durante o período Tudor, época marcada pelo corte de relações com Roma, durante o reinado de Henrique VIII, missão que se estendeu igualmente à criação de uma literatura nacional. Assistiu-se assim a um florescimento literário, com a tradução para inglês de textos fundacionais da cultura europeia como os Poemas Homéricos, os principais autores latinos e a Bíblia. Numa época em que Roma era considerada uma adversária, as inovações literárias, da epopeia nacional à sátira atrevida e ao drama no teatro público

construíram-se à imagem da tradição clássica e, em especial à da Roma Antiga, apoiadas pelo ensino ministrado nas *grammar schools*, intensificando as tensões políticas que então se viviam.

O capítulo quinto, “Tragical-Comical-Historical-Pastoral” (pp. 64-89), apresenta as considerações de Bate sobre a influência do romance e da poesia bucólica na obra do poeta, e da *comedia* clássica na *Comédia dos Erros*, escrita de acordo com as convenções clássicas, tal como *Noite de Reis*. Na *Comédia dos Erros*, cuja acção decorre em Éfeso, reconhecemos a Londres do tempo de Shakespeare, a quem os seus contemporâneos comparavam a Plauto, na comédia, e a Séneca, na tragédia.

Segue-se “S.P.Q.L.” (pp. 90-105), que, com um carácter mais mundano, reconstitui os locais onde Shakespeare terá vivido, os impostos devidos e as igrejas frequentadas, sublinhando a desaprovação das autoridades civis e religiosas pelo funcionamento dos teatros, considerados um elemento perturbador da vida quotidiana devido às actuações que decorriam durante as tardes. São ainda evocadas as raízes romanas de Londres com os Isabelinos a atribuírem as origens da Torre da cidade a Júlio César e com Roma sempre presente como ponto de comparação entre ambas.

Com o capítulo sétimo, “But What of Cicero?” (pp. 108-26), regressamos ao âmbito histórico-literário, com a atenção de Bate a centrar-se na influência profunda que Cícero, personificação da República Romana para os contemporâneos de Shakespeare, teve nas percepções modernas da ordem política romana, permitindo a entrada de termos como *ciuitas*, *ciues*, *res publica* no discurso político. O tratado *De Officiis (Dos Deveres)* foi uma das obras mais lida à época. Um dos capítulos mais interessantes da obra em análise, mostra o impacto que as guerras religiosas em França e nos Países Baixos, entre católicos e protestantes, tiveram na própria Inglaterra, onde a nobreza católica tentou colocar Maria, rainha dos Escoceses, como rainha de Inglaterra, destronando Isabel I. Estas convulsões foram estudadas à luz das guerras civis que abalaram Roma nas últimas décadas da República. Autores como Lucano, Apiano ou mesmo Júlio César foram amplamente lidos e serviram como ponto de comparação e de definição para o conflito que dividiu Inglaterra, durante a Guerra das Rosas, entre a Casa de Iorque e a de Lencastre. A influência ciceroniana estendeu-se a Shakespeare, que nas suas peças *Tito Andrónico* e *Júlio César*, expressa sempre a ideia do orador romano pela guerra civil, que a definiu como odiosa.

Com “Pyrrhus’s Pause” (pp. 126-45), o capítulo oitavo, o A. regressa ao tema da construção de uma identidade nacional e às suas raízes, revisitando os mitos elaborados durante o período Isabelino para atribuir uma origem troiana a Inglaterra, modelada na *Eneida*, da mesma forma que Roma reclamou para si a fuga de Eneias de Tróia, como mito fundacional. O objectivo é transformar Inglaterra numa segunda Roma e Isabel I num segundo Augusto, que uma vez mais inaugurava uma época de paz e prosperidade. Faz-se a evocação de Brute ou Bruto, descendente de Lavínia, que matou o pai, num acidente de caça, abandonou a pátria e se dirigiu para Albion, acompanhado por alguns troianos, onde se instalaram. Curiosamente, em Shakespeare, Bruto é sempre o assassino de César.

“The Good Life” (pp. 146-59), o capítulo que se segue, revisita Vergílio, Ovídio e Horácio (o que por sua vez promove uma digressão pela influência da filosofia epicurista e estoica), considerados os três poetas maiores da Roma Antiga e que na época de Shakespeare estavam no centro da educação literária. Em simultâneo, reforça-se um dos argumentos principais da obra: a influência da tradição clássica na cultura literária de Shakespeare foi de tal forma intensa que só a educação escolar não a explica, sugerindo-se em alternativa a leitura pessoal de Ovídio e de Plutarco, traduzidos por Golding e North, respectivamente.

“The Defense of Phantasms” (pp. 160-84), promove o regresso a dois temas já abordados. O imperativo político de criar uma identidade nacional e a sua dignificação através da história literária, por sua vez modelada na herança clássica, nos historiadores romanos e em Lívio especialmente, assim como nos ideais da Reforma, reflectidos nas crónicas, que apresentam uma trajectória ascendente e providencial para a implantação da dinastia Tudor, ela própria reformadora e vista como um sinal da escolha divina de Inglaterra como o instrumento do seu trabalho. O segundo tema assinala a tensão entre as imagens criadas pela poesia e pela arte com as correntes mais puritanas da Reforma, que defendiam a destruição de todas as imagens, devido à sua natureza idólatra. Esta era uma questão que já se arrastava desde a Antiguidade e o próprio Platão opunha-se à presença dos poetas na sua cidade ideal.

Com “An Infirmary Named ‘Hereos’” (pp. 185-209), regressamos à ideia de amor romântico e à sua origem, que por volta de 1590 se encontrava celebrado por toda a literatura e em particular no teatro. A influência de Ovídio e das suas *Heroides*, a distinção entre amor e luxúria, assim como as causas da melancolia provocada pelo amor e a percepção do amor erótico como uma espécie de loucura, são temas que permitem perceber as origens das ideias de Shakespeare sobre a dramatização do amor. Para o poeta, aliás, a representação do amor erótico como uma espécie de loucura é habitual e assinala uma imaginação forte.

“The Labours of Hercules” (pp. 210-31), vira a sua atenção para Hércules/Hércules, o mais famoso dos heróis greco-romanos, que durante este período era frequentemente apresentado sob uma dupla imagem: paradigma da vida regida pelo dever ou da vida fácil da indulgência. Também os seus Doze Trabalhos eram associados ao desejo, apesar da imagética associar o herói à força, representada pela pele de leão e pela maçã. No entanto, eram as explosões de fúria, de consequências trágicas, e uma construção senequiana que foram também exploradas pelos autores ingleses que se interessaram em especial pelas epístolas e ensaios a serem particularmente apreciados.

O A. dedica ainda um capítulo ao tópico do fantasma em “Walking Shadows” (pp. 232-51), interrogando-se se Shakespeare seria um crente nestas figuras sobrenaturais que, tal como demónios e espíritos, eram usadas como efeito dramático. Recuamos uma vez mais à literatura clássica para perceber o papel nela desempenhado pelos fantasmas, antes de se abordar as inovações introduzidas pelo poeta. Antes de avançar para o capítulo final, a tragédia da vingança isabelina, cujas origens se destacam precisamente pela intervenção do sobrenatural e, remontam a Séneca, não é esquecida, complementando o texto.

Finalmente, “In the House of Fame” (pp. 252-76), formula três questões que intrigam o A.: qual a origem da ideia de *fama* de Shakespeare? Era sua intenção atingir postumamente a *fama*? Quando e como é que se tornou famoso? A resposta talvez seja dada pela inscrição, em latim, que ornamenta o monumento que lhe foi dedicado na capela da Santíssima Trindade na sua cidade natal e o proclama como semelhante ao Nestor homérico, a Sócrates e a Vergílio, enquanto ainda em vida foi comparado a Terêncio, Plauto, Ovídio e Séneca. Fruto do seu tempo e de uma educação neo-clássica, Shakespeare destacou-se pelo seu génio literário inovador, que foi de imediato reconhecido pelos seus pares e pelas reedições que o mantiveram na memória dos Ingleses e restantes Europeus até aos dias de hoje, considerando-o um Clássico por direito próprio, enquanto lhe reconheciam as inovações, a preservação da herança greco-romana e a recepção que fez dessa mesma herança.

O “Appendix: The Elizabethan Virgil” (pp. 278-85) elenca as traduções para inglês da *Eneida* e as respectivas adaptações feitas em Inglaterra, complementando a informação contida ao longo do livro, que conclui com as notas (pp. 285-348) e o *index* (pp. 349-61).

**Nídia Catorze Santos**

*Centro de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa*

**KONRAD DOMINAS, ELŻBIETA WESOŁOWSKA et BOGDAN TROCHA eds.** (2016), *Antiquity in Popular Literature and Culture*. Newcastle upon Tyne, Cambridge Scholars Publishing, 340 pp. ISBN 978-1-4438-9024-3 (Hb. € 67.75).

Abrindo com uma motivadora introdução de M. M. Winkler, este conjunto de estudos reúne trabalhos sob a temática comum da recepção da Antiguidade na cultura popular, literatura incluída. Trata-se, pois, de mais um exemplo de estudos de recepção, tão incentivados e intensificados nas últimas três décadas.

O livro está dividido em três partes, cada uma delas dedicada a um aspecto específico da recepção da Antiguidade (da Clássica, em particular). A primeira, *Antiquity in Popular Literature*, concentra-se especificamente nas problemáticas da intertextualidade, mas também da utilização de motivos da cultura material ou da cultura *tout court* na produção literária contemporânea. Trata-se de seis ensaios que abordam a problemática sob várias perspectivas, desde a literatura infanto-juvenil, ou do que agora se convencionou chamar «Young Adult Fiction» (caso dos textos de M. Miazek-Męczysłńska e de M. Oziewicz), à literatura fantástica e policial ou até mesmo de inspiração histórica (os casos dos textos de Z. Kaczmarek, K. Dominas e K. Zieliński). De entre estes estudos, porém, destaca-se o de B. Trocha, pelo facto de apresentar uma abordagem de conjunto acerca da utilização de estereótipos e lugares-comuns associados à Antiguidade na Literatura Popular. O estudo tem a preocupação de estabelecer uma análise comparada entre várias formas de intertextualidade, a que o cinema também não é alheio. O método de Trocha é, por isso e na nossa perspectiva, particularmente produtivo.

A segunda parte, *Antiquity in Popular Culture*, inclui textos sobre a recepção da Antiguidade no que se entende por Cultura Popular. De certo modo, não será fácil distinguir ou autonomizar «Cultura Popular» de «Literatura Popular», uma vez que, parece-nos, esta se integra também naquela. Mas percebe-se a intencionalidade e a necessidade, aliás comum a vários domínios dos Estudos Filológicos, de autonomizar uma da outra. Os editores do volume seguem essa filosofia. Nesta parte, lemos sete estudos que abordam vários aspectos da cultura popular, desde a História da Arte mais convencional (caso do estudo de A. Wojciech Mikolajczak dedicado ao *design* de canetas) às expressões artísticas da Era Digital (como mostra o caso do estudo de S. Chmielewska que se foca nos jogos de computador). Mas esta é, talvez, também a parte mais heterogénea do volume, visto incluir textos que abordam questões significativamente distintas, ainda que sob o tema da recepção da Antiguidade na Cultura Popular. Temos, por exemplo, um estudo sobre a presença de tópicos clássicos na caricatura napoleónica (A. Fulińska) que emparelha com estudos sobre egiptomania e influência do



**CADMO**

**REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA**

JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief

Nuno Simões Rodrigues

## OBJECTIVOS E ÂMBITO

### AIMS AND SCOPE

A *Cadmo – Revista de História Antiga* publica anualmente estudos originais e ensaios relevantes de “estado da arte” em História Antiga e de culturas da Antiguidade. Além disso, tem como objectivo promover debates e discussões sobre uma ampla variedade de temas relacionados com a História Antiga, e aceita propostas relacionadas com o mundo do Próximo-Oriente Antigo (Egipto, Mesopotâmia, Pérsia, corredor Siro-Palestinense, Mundo Bíblico e e Anatólia) e com o Mundo Clássico (Grécia, Roma e Mediterrâneo Antigo, incluindo a Antiguidade Tardia). São ainda considerados estudos sobre a recepção da Antiguidade e dos seus legados, historiografia e investigações com enfoque em outras sociedades antigas (como as culturas indianas, extremo-asiáticas e mesoamericanas). A *Cadmo – Revista de História Antiga* não considera o conceito de “Antiguidade” como exclusivo da civilização ocidental, mas uma construção historiográfica essencial para a compreensão da História Global. Recensões críticas de obras recentes serão também consideradas para publicação, bem como propostas de dossiers temáticos a publicar em números regulares da revista ou números temáticos a publicar em suplemento.

*Cadmo – Journal for Ancient History* yearly publishes original and peer-reviewed studies and findings, as well as relevant “state of the art” review essays, on Ancient History and the study of Ancient cultures. It aims to promote debate and discussion on a wide variety of subjects and welcomes contributions related to the Ancient Near-Eastern World (Egypt, Mesopotamia, Persia, Syro-Palestine area and Anatolia) and to the Classical World (Greece, Rome and the Ancient Mediterranean, including Late Antiquity). Studies on the reception of Antiquity and its cultural productions, historiography of the Ancient World, as well as submissions focusing on other Ancient societies (such as the Indian, Asian or Mesoamerican cultures) are also accepted. This journal does not consider the concept of Antiquity to be a notion restricted to western civilisation and its heritage, but an essential historiographic construct for our understanding of Global History. Reviews of recently published works on the aforementioned subjects are also welcome, as well as proposals for thematic dossiers to be published in regular issues or of thematic issues to be published as a supplement.

CH  
-UL

CENTRO DE  
HISTÓRIA  
UNIVERSIDADE  
DE LISBOA